



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

VALDEMAR FERREIRA ARAÚJO

**JORNALISMO LITERÁRIO E HUMANIZADO: ANÁLISE DE REPORTAGEM
SOBRE A TRAGÉDIA EM BRUMADINHO - MG**

CAMPINA GRANDE
2022

VALDEMAR FERREIRA ARAÚJO

**JORNALISMO LITERÁRIO E HUMANIZADO: ANÁLISE DE REPORTAGEM
SOBRE A TRAGÉDIA EM BRUMADINHO - MG**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado à Coordenação do Curso de
Comunicação Social da Universidade Estadual
da Paraíba – UEPB, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social – Habilitação em
Jornalismo.

Área de Concentração: Mídia e Estudos Culturais

Orientadora: Prof^a. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra

CAMPINA GRANDE
2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663j Araujo, Valdemar Ferreira.
Jornalismo literário e humanizado: análise de reportagem sobre a tragédia em Brumadinho - MG [manuscrito] : análise de reportagem sobre a tragédia em brumadinho - MG / Valdemar Ferreira Araujo. - 2022.
17 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra ,
Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."

1. Jornalismo literário. 2. Narrativa humanizada. 3.
Reportagem. 4. Tragédia em Brumadinho. I. Título

21. ed. CDD 070.4

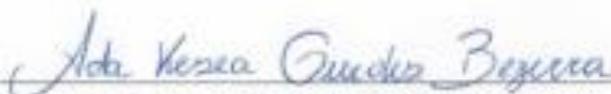
VALDEMAR FERREIRA ARAÚJO

**JORNALISMO LITERÁRIO E HUMANIZADO: ANÁLISE DE REPORTAGEM
SOBRE A TRAGÉDIA EM BRUMADINHO - MG**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado à Coordenação do Curso de
Comunicação Social da Universidade Estadual
da Paraíba – UEPB, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social – Habilitação em
Jornalismo.

Aprovado em: 21 de novembro de 2022

Banca Examinadora



Prof. Dra. Ada Kessa Guedes Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Cássia Lobão Assis
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Luis Adriano Mendes Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Agradeço ao **Senhor** meu **Deus** em primeiro lugar pela vida, força, fé, coragem e oportunidade de chegar a essa conquista.

Dedico este trabalho!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. JORNALISMO LITERÁRIO: BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA E CONCEITUAL.....	06
3. NARRATIVA LITERÁRIA COMO BASE PARA O RELATO HUMANIZADO.....	08
4. AMPLIANDO A PAUTA – O GÊNERO REPORTAGEM COMO FORMA DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA HUMANIZADA.....	10
5. O CASO BRUMADINHO - ANÁLISE DA REPORTAGEM.....	11
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
REFERÊNCIAS.....	16

JORNALISMO LITERÁRIO E HUMANIZADO: ANÁLISE DE REPORTAGEM SOBRE A TRAGÉDIA EM BRUMADINHO - MG

Valdemar Ferreira Araújo¹

RESUMO

Este artigo foi pensado à base do jornalismo humanizado tendo a reportagem como gênero textual jornalístico adequado para a construção de narrativas mais livres mesmo com aspectos literários. O objetivo é debater a informação além de seu aspecto factual convidando o leitor a entender e observar como o jornalismo pode ser feito com foco nos personagens, suas histórias, vivências e visão de mundo. Para tanto, foi selecionada para análise a reportagem “Drama das famílias de desaparecidos em Brumadinho completa 3 anos” matéria publicada no portal Estado de Minas Gerais, com a data de publicação em 25 de janeiro de 2022. De autoria do jornalista Severino Francisco, do Correio Brasiliense, a reportagem sobre o rompimento da barragem de Brumadinho, acontecido em 25 de janeiro de 2019, traz um relato baseado nas narrativas de quem perdeu familiares na tragédia e se constitui, portanto, objeto de estudo com o intuito de promover uma reflexão sobre esse formato jornalístico.

Palavras-chave: Jornalismo Literário. Narrativa Humanizada. Reportagem. Tragédia em Brumadinho.

ABSTRACT

This article was designed based on humanized journalism having the reportage as a journalistic textual genre suitable for the construction of freer narratives even with literary aspects. The objective is to discuss information beyond its factual aspect inviting the reader to understand and observe how journalism can be done with a focus on the characters, their stories, experiences, and worldview. For this purpose, the report "Drama of the families of the disappeared in Brumadinho completes 3 years," published in the portal Estado de Minas Gerais, with the date of publication on January 25, 2022, was selected for analysis. Written by journalist Severino Francisco, from Correio Brasiliense, the report on the rupture of the Brumadinho, dam which happened on January 25, 2019, brings an account based on the narratives of those who lost family members in the tragedy and constitutes, therefore, the object of study in order to promote a reflection on this journalistic format.

Keywords: Literary Journalism. Humanized Narrative. Reportage. Brumadinho Tragedy.

¹ Graduando em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: valdemarferreira.uepb@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este artigo foi pensado à base de duas vertentes do jornalismo, trata-se de áreas que se entrelaçam em seus fazeres, destacando-se como jornalismo literário e o relato humanizado ou narrativa humanizada, ambos se conectam porque através de várias pesquisas com diferente autores, observou-se a dificuldade de se trazer ou construir um relato humanizado sem que seja necessário lançar mão de uma escrita mais solta, mais livre e criativa, portanto, literária, sem ser mecanizada ou engessada como no jornalismo factual.

O objetivo ao contemplar esses temas e as teorias que os cercam é fazer com que esse artigo tenha como finalidade principal observar como tudo isso é construído e aplicado na prática. Entendemos que a reportagem é um dos gêneros narrativos capaz de oferecer esses recursos no jornalismo contemporâneo. Para tanto, foi selecionada uma reportagem publicada no portal Estado de Minas Gerais, no dia 25 de janeiro de 2022 escrita pelo jornalista Severino Francisco do Correio Brasiliense com o título “Drama das famílias de desaparecidos em Brumadinho completa 3 anos”. Como o próprio título sugere, o texto versa sobre o drama de famílias que ainda não encontraram seus parentes mortos na tragédia ocorrida pelo rompimento das barragens com rejeitos de minérios, em Brumadinho.

Diante do ocorrido, o jornalista acaba lançando mão do que se convencionou chamar de jornalismo literário e jornalismo humanizado. Essa reportagem foi selecionada dentre tantas outras, por apresentar esses aspectos de modelos e narrativas jornalísticas conforme será visto e apresentado na análise desse artigo.

Antes de dar continuidade, se faz necessário um breve resumo do fato ocorrido em Brumadinho na tarde de sexta-feira, dia 25 de janeiro de 2019 quando, em efeito cascata, se romperam 3 barragens com rejeitos de minérios pertencente a empresa Vale do Rio Doce, localizada na mina córrego do feijão, no distrito de Brumadinho, região metropolitana de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Com o rompimento, vazaram nessa tragédia, 12 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minérios e a lama invadiu as dependências da área administrativa da empresa e casas rurais da cidade, causando devastação em tudo que estava pela frente, deixando um total de 270 vítimas fatais.

Fenômenos sociais sensíveis como tragédia, morte, perdas, desigualdade, indignação, se constituem o tipo de tema que a cobertura noticiosa do jornalismo factual não consegue abarcar, nem oferecer uma dimensão mais abrangente para o leitor, e é aí onde se percebe a necessidade de ir além da pauta factual. É nesse ponto que se faz necessário uma abordagem mais aproximada entre fontes e pessoas que vivenciaram tal fenômeno social, e por isso defendemos aqui que a reportagem é o gênero jornalístico mais apropriado para tratar uma temática como o caso ocorrido em Brumadinho.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, que apresenta uma abordagem inicial do tema, mas que vem colaborar com outros estudos nessa área, para pesquisas futuras. Também se fez uma investigação bibliográfica considerando autores dos dois campos do jornalismo, ou seja, do jornalismo literário e do relato humanizado para melhor compreensão dos leitores a respeito do tema abordado.

2. JORNALISMO LITERÁRIO: BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA E CONCEITUAL

Diversos estudos teóricos apontam que o jornalismo literário já existe há muito tempo. Segundo Marcondes Filho (2001 apud PENA, 2006, p. 5), afirmam que essa relação surgiu nos séculos XVII e XIX, quando escritores de renome se deram conta que o jornal era um veículo que dava mais visibilidade as suas publicações, da linguagem e do conteúdo

publicado, relatando que os principais instrumentos eram os folhetins, que simbolizava a marca fundamental da confluência entre o jornalismo e a literatura.

Já na concepção de outros teóricos, a literatura foi efetivamente incorporada ao jornalismo por intermédio do New Journalism, movimento que tem suas origens nos Estados Unidos, em 1960, e se caracteriza principalmente por misturar a narrativa jornalística com a literária. Tal afirmação está de acordo com Pena (2006), que a luz desse conceito indica o surgimento de um novo gênero: o jornalismo literário. Esse, por sua vez, se lança como tendência nas relações contemporâneas, mostrando caminhos possíveis para os profissionais da comunicação ampliarem as possibilidades comunicativas.

O exercício da produção de acordo com o que se conhece por Jornalismo Literário, no entanto, está na capacidade de unir os dois gêneros (literatura e jornalismo), transcendendo fórmulas preestabelecidas por manuais de redação, rompendo a superficialidade dos fatos e valorizando a subjetividade de quem participa do processo comunicativo.

Não se trata de apenas de fugir das amarras da redação ou exercitar a veia literária em um livro- reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania romper as correntes burocráticas do lead, evitar definidores primários e, principalmente, garantir perenidade aos relatos (PENA, 2006, p. 13).

Este fragmento leva a entender que a união entre o jornalismo e a literatura oferece novas perspectivas para a construção das narrativas jornalísticas. Isso porque o profissional da comunicação se apropria dos ensinamentos adquiridos com o jornalismo diário, a ele novos significados oriundos e agregações de informações que rompem com a superficialidade das matérias exacerbadamente objetivas e sem profundidade, tão comuns nas publicações contemporâneas.

Com o Jornalismo Literário e a consequente humanização do relato, o jornalista é condicionado a adquirir embasamentos para transmitir ao leitor as impressões que ele teve sobre um determinado assunto, de uma maneira abrangente com a capacidade de provocar reflexões acerca do que está sendo noticiado.

O jornalismo, tratando especificamente no caso da notícia, estrutura-se essencialmente na técnica da pirâmide invertida, que busca responder a seis questionamentos básicos: o que?, quem?, quando?, onde?, como? e por que?. A utilização desse recurso serve para orientar o profissional da produção do conteúdo noticioso que assume um papel muito importante na contextualização dos fatos como sugere Traquina:

As notícias registram as formas literárias e as narrativas utilizadas para enquadrar o acontecimento. A pirâmide invertida, a ênfase dada à resposta as perguntas aparentemente simples: Quem? O que? Onde? Quando? A necessidade de selecionar, excluir, acentuar diferentes aspectos do acontecimento- processo orientado pelo enquadramento escolhido- são alguns exemplos de como a notícia, dando vida ao acontecimento, constrói o acontecimento e constrói a realidade, (TRAQUINA 2005, p.174).

E com tal narrativa o autor traz um novo direcionamento de como se amplia a narrativa de uma história, a partir da multiplicidade de recursos que são presentes na união desses gêneros. Mas se por um lado sua narrativa se amplia, por outro distancia-se de um melhor entendimento por parte do leitor imediato e instantâneo. Se houver uma posição sensata dos recursos na utilização dos gêneros, se ganha melhor relevância e originalidade, e com isso é bem mais compreendido pelo leitor que poderá se apropriar da situação e

diferenciar o conteúdo, ou seja, de forma em que sua capacidade de entendimento é aguçada fazendo com que se possa pensar e entender o mundo a sua volta.

Lima (2005) aponta que “um texto de Jornalismo Literário tem como empregar uma variedade de recursos, para expressar a realidade sob perspectivas variadas, de um lado, e para manter a reportagem interessante, para o leitor, de outro” (LIMA, 2005, p.1).

Em um momento no qual é notório que as pessoas estão sendo constantemente bombardeadas por informações oriundas de imensuráveis fontes, a busca por um conteúdo que possa oferecer algo que vá além do fato propriamente dito parece estarem reconfigurando os modelos de narrativas jornalísticas. Diante disso, o Jornalismo Literário se aventura na tentativa de satisfazer as necessidades dos leitores e de superar suas expectativas produzindo um conteúdo diferenciado e com profundidade.

3. NARRATIVA LITERÁRIA COMO BASE PARA O RELATO HUMANIZADO

Quando se fala em jornalismo, temos em nossa mente aquela narrativa dos fatos e dos acontecimentos veiculados no dia a dia no rádio ou televisão, a informação jornalística é atrelada ao factual, mas, é importante lembrar que há diferentes possibilidades de passar informações jornalísticas.

O fazer jornalístico como processo de significação e ressignificação exige observação/percepção, reflexão e expressão de mundo. Por isso, os jornalistas devem ir além do “dar a notícia” para compreender os fenômenos sociais e compartilhar esta compreensão. Assim, o fazer jornalístico supõe a busca da essência das ações humanas contidas nos fenômenos sociais. O jornalismo humanizado, portanto, não se propõe apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrui dos recursos da literatura, que valoriza personagens. Mais que isso, busca a essência das ações humanas – é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado” (ALVES E SEBRIAN. 2008. p.2).

O que esses autores mostram é que o formato tradicional da notícia não é capaz de dar conta em sua magnitude, de fatos mais complexos da sociedade. Certos acontecimentos, precisam de um olhar diferenciado do jornalista, um olhar humanizado e o jornalismo literário que antes tinha como fundamento social expandir as informações através de folhetins, agora ganha nova roupagem quando se tem um apego ao jornalismo passando a ser protagonista de um noticiário mais voltado para o cunho social.

Nesse tipo de abordagem, a apuração e produção de todo o conteúdo a ser veiculado passa por um processo minucioso de detalhes dos acontecimentos, foca muito nos personagens e nas suas falas, o qual denominamos de jornalismo humanizado, onde aquelas determinações acontecidas nas redações dos veículos de comunicação em quase toda a sua totalidade, passa a não ter tanto destaque assim, a exemplo do furo de reportagem.

Tratamos aqui do jornalismo humanizado onde as formas de noticiar depende muito da interpretação dos jornalistas, onde a informação recolhida e presenciada é também vivida, para ser então transformada em notícia. É isso que dizem Alves e Sebrian (2008) quando acrescentam que “a informação é transformada em notícia com a utilização de técnicas jornalísticas, ou seja, por meio da redação. Dessa forma, os meios de comunicação de massa e, mais especificamente, os jornais, não oferecem informações, mas informações convertidas em notícias”, (ALVES E SEBRIAN. 2008. p.3).

O fazer jornalístico depende bastante da interpretação dos jornalistas desde o ato da apuração até a consolidação do fechamento da matéria, ou seja, desde o momento que se busca a informação dos fatos que irá ser transformado em notícia, até a hora de ser veiculado,

tudo passa pelo crivo do profissional, da máquina humana em si, e de todo um mecanismo no processo de produção. Mediante essas afirmações, concordamos com Alves e Sebrian (2008), mas também encontramos outros autores que trabalham nessa linha de pensamento, pois dialogam, enfatizando detalhadamente como o processo acontece. A esse respeito Chaparro diz que “afinal, o fato só se transforma em notícia desde que seja recolhido, interpretado e valorado e isto é realizado por sujeitos que controlam os meios de difusão”. O autor afirma ainda que “mesmo sem o poder de decisão final, são os jornalistas capazes de produzir as notícias, pois são eles quem colhem as informações, têm contato direto ou indireto com os autores, atores e intérpretes dos acontecimentos (CHAPARRO, 1994, p.79).

E com esse mesmo pensamento outros autores também concordam com essa nova forma de se fazer jornalismo, a exemplo de Hernandez (2006), para quem “o jornalista é sempre um mediador, é quem reporta o que acontece no mundo para o público, transformando fragmentos da realidade em notícia” (HERNANDES, 2006, p. 23).

Já Cremilda Medina aborda diretamente a necessidade de romper com a cobertura apressada e superficial quando defende que “para que o cotidiano se presentifique é preciso romper com as rotinas industriais da produção da notícia, superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais” (MEDINA, 2003, p. 92).

É com esta idéia que o jornalismo humanizado preza pelas fontes anônimas e pela contextualização dos acontecimentos, em um texto alternativo, que não se limita ao uso do lide e das normas dos manuais. Não estamos falando de perfis ou do Novo Jornalismo estadunidense, mas tratando de traços comuns entre ambos (ALVES E SEBRIAN. 2008. p.1-2).

Esses autores nos dão o panorama de como entender o jornalismo humanizado e o papel de desenvolver uma nova forma de se noticiar os fatos e acontecimentos cotidianos, porém considerando e valorizando a pessoa e não apenas o ocorrido apresentado de forma brusca e rude como fazem algumas redações. “É preciso abandonar o conforto das fórmulas engessadas nos manuais jornalísticos e ir ao mundo para viver o presente, as situações sociais e o protagonismo humano” (MEDINA, 2003, p. 40). Com isso, a autora reforça a ideia do jornalismo de rua, aquele em que o repórter convive na medida do possível, dialoga, observa e até permanece em campo para uma coleta mais real do que cerca o fato. Ela resume essa ação da seguinte forma: “É preciso inverter a relação sujeito-objeto do técnico em informação de atualidade para a relação sujeito-sujeito do mediador social” (MEDINA, 2003, p. 40).

Assim, reafirmamos que é no jornalismo humanizado aonde podemos transformar as informações de interesse e cunho social em narrativas menos engessadas como rotineiramente são feitas nas redações. Aproximando realidades acontecidas com as pessoas envolvidas, faz com que o repórter tenha muito mais liberdade para vivenciar socialmente os fatos e de forma humanizada proporcionar espaço em suas narrativas dando maior destaque aos protagonistas da história e não apenas a conclusão de sua matéria em narrar os fatos.

O jornalismo deve mostrar tudo isso. Deve mostrar tanto aquilo que “humaniza” quanto aquilo que “desumaniza” o homem. Deve mostrar tanto a singularidade do movimento cotidiano dos indivíduos quanto os comportamentos particulares dos grupos e culturas e a conexão universal entre cada indivíduo e grupo com a totalidade social” (KARAM, 1997, p. 94).

E não se trata de dizer que a cobertura factual não tem seu valor, pelo contrário, é a notícia que primeiro informa, que atende a urgência do cotidiano das pessoas, que alerta, que auxilia em decisões diárias do cidadão, mas ela tem um formato de acordo com sua função e por isso mesmo é insuficiente para tratar de casos mais complexos, como assuntos sociais,

desigualdades, conflitos, tragédias, etc. Assim, é importante lembrar que cada gênero textual tem sua função de ser no jornalismo e a reportagem sim é um gênero que vai além da notícia e pode contemplar essa forma de informar de modo humanizado.

4. AMPLIANDO A PAUTA – O GÊNERO REPORTAGEM COMO FORMA DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA HUMANIZADA

Sabemos que todas as produções jornalísticas têm seu valor informativo e trazem para sociedade uma grande contribuição, seja ela em formato de notícia, atendendo ao imediatismo, seja ela sobre o desdobramento de um acontecimento em que houve grande repercussão e que precise de uma apuração mais minuciosa, a exemplo da grande reportagem e reportagem de investigação.

Colher a informação, interpretar os fatos ocorridos e transformar em notícia para chegar ao público da melhor forma possível é tarefa muito difícil para o jornalista, em que pese, precisa ser muito profissional. A esse respeito, Lustosa (1996) assinala que a reportagem, ao contrário da notícia, objetiva “muito mais uma interpretação dos fatos e análise de suas consequências, pois raramente pode ou procura oferecer novidades no sentido do que é assegurado pelas emissoras de televisão, rádio e pelos jornais” (LUSTOSA, 1996, p.104). Contudo, ressalta que “o importante é que se respeitem os fatos, dos quais não se pode discordar, e se dê ao leitor, com humildade, o direito de avaliá-los segundo seu próprio repertório, seus valores” (LUSTOSA, 1996, p. 48).

O texto que pode ser entendido como relato humanizado não tem como aparecer na notícia, sendo a reportagem o gênero jornalístico mais propício em dar conta do detalhamento, das vozes, das descrições, enfim, desses aspectos que compõem uma narrativa mais humana. Medina (2003), que defende a criação do texto jornalístico como a arte de tecer, diz que “a linguagem não se entrega à sedução da forma pela forma, mas às necessidades expressivas da realidade presente e do protagonismo social” (MEDINA, 2003, p.128).

Sabendo dessas formulas inovadoras, concordamos com as teses apresentadas anteriormente, onde o jornalista e sua interpretação como autor em primeira instância do jornalismo humanizado, faz toda diferença, pois é ele que apura, conversa, observa e presencia todo o ambiente que envolve o ocorrido. Desta feita, entendemos aqui que o gênero reportagem atende os anseios do que estamos defendendo, o jornalismo humanizado como forma narrativa de melhor entendimento dos fenômenos de cunho social.

A forma humanizada de interpretação faz com que a reportagem se transforme no gênero jornalístico mais apropriado para o tema aqui defendido que são as narrativas mais completas e com pluralidade de vozes.

É na reportagem e em suas possibilidades amplas que os acontecimentos se transformam em histórias, porém sem aquele apego aquelas explanações meramente voltadas ao factual, ou seja, ao lead (resumo da notícia que fica no primeiro parágrafo), ou até mesmo ao furo de reportagem, pois o importante aqui, é a voz dos envolvidos se expressando nos mínimos detalhes e ganhando autonomia, fazendo com que seus anseios possam ser ouvidos.

Ainda que haja padrões, as fórmulas da notícia não são totalmente repetíveis. Pelo contrário, cada fato noticiado possui especificidades que, inseridas em determinados métodos e balizas de apuração e redação, ganham outras conotações, nunca resultando em uniformidades. E isso porque o mundo, as pessoas e os acontecimentos não são uniformes. “A técnica da notícia jornalística é um dos raros exemplos de texto desenvolvido fora da tradição da literatura, com base na maneira espontânea com que as pessoas contam umas às outras suas experiências (LAGE, 2006, p. 175).

Para o autor, trata-se do gênero ideal para esse tipo de produção pela sua liberdade de dimensão, criação, recursos e tempo. “O estilo da reportagem é menos rígido do que o da notícia: varia com o veículo, o público, o assunto. Podem-se dispor as informações por ordem decrescente de importância, mas também narrar a história, como um conto ou fragmento de romance. (LAGE, 1993a, p. 47).

Assim, é possível afirmar que a reportagem, seja ela em mídia televisiva, em formato multimídia ou em mídia impressa, se configura como o gênero propício para noticiar um fato de forma mais pormenorizada, detalhada e humanizada. Para uma melhor compreensão do estilo textual em questão, utilizaremos a reportagem que pode ser classificada como alinhada ao jornalismo humanizado.

O tópico a seguir apresenta um estudo de caso sobre uma reportagem que trata da tragédia ocorrida em Brumadinho, publicada três anos após o ocorrido. Intitulada: “Drama das famílias de desaparecidos em Brumadinho completa 3 anos” é assinada por Severino Francisco, do Correio Brasiliense e foi publicada em 25 de janeiro de 2022 no Portal Estado de Minas Gerais.

5. O CASO BRUMADINHO - ANÁLISE DA REPORTAGEM

Para a análise destacamos aqui o fato ocorrido em Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais, mais precisamente no distrito de Brumadinho, onde aconteceu uma das maiores tragédias ambientais em território brasileiro. Era uma sexta-feira hora do almoço, mais precisamente entre 12 e 13 horas do dia 25 de janeiro de 2019 quando 3 barragens com rejeitos de minério da mineradora Vale do Rio Doce, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, se romperam, e com efeito dominó saíram invadindo e destruindo tudo que estava pela frente. O rompimento aconteceu na mina do córrego do feijão, Distrito de Brumadinho, e o mar de lama se alastrou avançando sobre a área administrativa da empresa, e também pelas casas nas áreas rurais da Cidade, causando bastante sujeira, estrago, medo, destruição, comoção e dor, além de vitimar fatalmente 270 pessoas.²

Minas Gerais novamente voltou a vivenciar percas humanas e destruições ambientais, pois há exatamente 200 quilômetros dali e 1.177 dias separaram essas tragédias. A referência se faz a outra situação ocorrida numa quinta-feira, em 05 de novembro de 2015 quando também houve um rompimento da barragem de fundão que ceifou a vida de 19 pessoas e causou o maior estrago ambiental ocorrido no país com grande devastação. Este episódio também varreu do mapa o povoado de Bento Rodrigues, Município de Mariana, ameaçando ainda Paracatu de Baixo e Gesteira que também estavam na rota da destruição.

Na tragédia, vazaram 43,7 milhões de m³ de rejeitos de minérios dos 56,6 milhões de m³ que a barragem abrigava, o que deixou milhares de moradores sem água e sem trabalho. O Rio Doce foi atingido e o crime ambiental seguiu até chegar ao mar. A barragem de fundão era da mineradora Samarco e controlada pela Vale e pela BHP Billington. Todas as empresas envolvidas se tornaram réus por homicídios e crimes ambientais em ação da Justiça Federal no ano 2016, e até 2018 essa ação judicial permanecia correndo na Comarca de Ponte Nova na Zona da Mata sem que os réus tenham sido julgados.

A tragédia de Brumadinho foi muito mais devastadora se comparado a de Mariana onde o crime ambiental foi menor, mas o número de pessoas mortas foi exorbitante. Segundo o presidente da Vale, Fábio Schwartsman, vazaram 12 milhões de m³ de rejeitos, enquanto a de Mariana, foram 43,7 milhões de m³, porém, em Mariana foram mortas 19 pessoas enquanto em Brumadinho

² Uma das abordagens preliminares sobre a tragédia supracitada está disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/25/bombeiros-e-defesa-civil-sao-mobilizados-para-chamada-de-rompimento-de-barragem-em-brumadinho-na-grande-bh.ghtml>. Data de acesso: 25/10/2022.

foram 270 mortes fazendo com que a tragédia se transformasse em proporções gigantescas, das quais ainda não foram todas as vítimas encontradas.

A Vale informou que tinha 427 pessoas trabalhando no local e apenas 279 foram localizadas vivas. Porém o corpo de bombeiros alertou que o número de vítimas poderia aumentar e por volta das 8h30min do sábado, informou que cerca de 300 a 350 pessoas estavam desaparecidas. A corporação de bombeiros comunicou ainda que as sirenes de emergência não tocaram, que já havia quase 100 homens trabalhando ainda na sexta feira (25) e no sábado (26) poderia chegar até 200 para ajudarem no trabalho de buscas e resgates.

À medida que os dias iam passando a comoção e o sofrimento aumentava e as esperanças de encontrar sobreviventes diminuía, a cada informação vinda das autoridades se desencadeava um novo sofrimento nas famílias atingidas com as perdas. Em nota, a Vale informou sobre o rompimento da barragem ocorrida em Brumadinho, em comunicado oficial, a empresa disse lamentar profundamente o acidente e se comprometeu com empenho e esforços no socorro e apoio aos atingidos alegando que isso seria a prioridade.

Até janeiro de 2022, depois de mais de três anos da tragédia, seis famílias ainda carregam a dor de não ter sepultado seus parentes vitimados na tragédia e esperam por respostas perante o corpo de bombeiros. As vítimas que ainda continuam desaparecidas são: Cristiane Antunes Campos, Luíz Felipe Alves, Nathalia de Oliveira Porto Araújo, Maria de Lurdes Bueno, Tiago Tadeu Mendes da Silva e Olímpio Gomes Pinto. Seus corpos ainda não foram encontrados para que suas famílias prestem as homenagens com um velório e enterro digno.

Dentre tantas reportagens produzidas sobre o caso, para este estudo foi escolhida a matéria intitulada “Drama das famílias de desaparecidos em Brumadinho completa 3 anos”. matéria publicada no portal Estado de Minas Gerais em 25/01/2022.

Com o uso de recursos jornalísticos tais como: pesquisa e leitura de reportagens, que de certa forma balizam e fundamentam a informação jornalística, aqui percebemos a forma literária presente na matéria publicada pelo jornalista Severino Francisco quando faz uso de analogia e linguagem metafórica para melhor retratar os acontecimentos e relatar os fatos, como pode ser percebido no parágrafo de abertura:

Diamante, esmeralda ou ouro branco. As joias mais valiosas perdem seu poder de sedução para quem chega a Brumadinho, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, cidade arrasada pelo rompimento da barragem de rejeitos de ferro da mineradora Vale há exatos três anos. Lá, as joias raras são outras e têm seis nomes conhecidos e saudosos: Cristiane, Luíz Felipe, Maria de Lurdes, Nathalia, Olímpio e Tiago. Vítimas do estouro do reservatório, eles não foram encontrados em meio à avalanche de lama dos rejeitos de minério que escorreram da mina Córrego do Feijão em 25 de janeiro de 2019. Para as famílias, ficaram o vazio e a saudade. Para os bombeiros, que ainda trabalham nas buscas, permanecem esperança e alento diário. (Estado Minas Gerais Severino Francisco 25/01/2022).

Aqui, o jornalista compara as pessoas ainda desaparecidas às joias preciosas encontradas em regiões de minério. O simbolismo do valor de uma vida como sendo superior a qualquer outra coisa é usada aqui para enfatizar a dimensão das perdas. Exemplifica como o diamante, esmeralda ou ouro branco, perdem seu poder de sedução quando chega em Brumadinho, que é região metropolitana de Minas Gerais característico pelas riquezas naturais na exploração econômica de minérios, e referência no garimpo de pedras preciosas, e Brumadinho tem seu histórico de exploração em minério de ferro como potencial econômico, por isso a linguagem metafórica usada pelo repórter no intuito de chamar a atenção do leitor e amenizar a dor de quem ainda tem parentes desaparecidos, e precisam ser encontrados, assim preciosos como as pedras do garimpo.

A tragédia de Brumadinho exemplifica muito bem essas características, porém depois da devastação biológica causada pelo rompimento das barragens, é preciso ser muito profissional e humano para publicar os fatos após a tragédia, e Severino Francisco teve a sensibilidade e profissionalismo ao fazer sua matéria, relatando o ocorrido sem perder a objetividade, mas ao mesmo tempo dando espaço considerável na matéria para os depoimentos de bombeiros que vivenciam a luta e angústia das buscas, e das famílias com sua dor pela perda de seus entes.

Na reportagem, o jornalista faz questão de acrescentar a fala das pessoas que viveram a tragédia e expõem sua dor, como pode ser visto no trecho a seguir:

“Para que todas as famílias que perderam seus familiares possam ter esse alento de sepultar os seus com dignidade, ter um local onde possam fazer uma oração, levar uma flor em todos os momentos que desejarem”, explica Josiana Resende, representante da Comissão dos Não Encontrados. O corpo da irmã de Josiana só foi encontrado e identificado em agosto do ano passado, após 2 anos e 7 meses de busca. “Passamos por isso, sabemos o que é esperar mais de 900 dias sentindo angústia, turbilhão de sentimentos te invadindo, lutando mesmo presos ao dia do rompimento. É a notícia mais triste que alguém que ama pode receber, mas é a que as famílias que perderam suas joias têm esperado”, afirma Josiana. (Estado Minas Gerais Severino Francisco 25/01/2022).

Quase toda a reportagem é conduzida de forma a dar espaço para os depoimentos das fontes como visto aqui com a entrevistada Josiana (representante da comissão dos não encontrados) que era também irmã de uma das pessoas mortas pela lama das barragens que se romperam em Brumadinho. Ao todo, não se sabe ao certo quantas pessoas foram ouvidas por Severino Francisco, mas além de Josiana, muitos também tiveram a oportunidade de contar o que queriam falar, a exemplo do atual chefe do corpo de bombeiros em Brumadinho Ricardo Torrezani de Oliveira que falou em nome da corporação que enquanto houvesse esperança permaneceria incansável na busca pelas seis joias restantes que ainda estão desaparecidas.

Na sequência, de forma especial a reportagem apresenta, através de fotos das pessoas desaparecidas, uma espécie de descrição de cada vítima, nas palavras de um familiar. Assim, é possível para o leitor ter uma ideia da pessoa, seu jeito, seu comportamento e um pouco da vida que tinha cada um antes da tragédia, e de tudo que ficou para trás. Essa forma de linguagem onde a pessoa humana é retratada com valor, um texto no qual aparece muito mais os relatos do que dados estatísticos, um texto em que a voz do jornalista se torna secundária diante da fala dos seus entrevistados é o que denominamos de jornalismo humanizado, e a reportagem de Severino Francisco exemplifica muito bem o que estamos defendendo.

Enfatizamos aqui o que propomos em cada passo desse artigo, quando no título apresentamos o jornalismo literário e humanizado como construção básica de narrativas pertencentes ao jornalismo, transformado numa linguagem mais adequada ao entendimento comum de forma mais humana possível. Já no subtítulo, aparece nitidamente essas características da narrativa.

Aprofundamos o tema ao conceituarmos o jornalismo literário nos seus subtítulos tendo como base vários autores que corroboraram na profundidade do tema, e de mesma forma, conversamos textualmente com autores que também faz uso, menção e defesa do jornalismo mais voltado ao social, e, portanto, humanizado.

A reportagem também apresenta legendas abaixo das imagens ancorando as narrativas, são fotografias mostrando a tragédia, como também mencionamento imagético e textual às vítimas. Outras fotos aparecem contextualizando os fatos, não com fotos em planos fechados configurando os perfis dos entrevistados, mas dando liberdade ao uso do discurso direto ou

indireto dos familiares para menção subjetiva das peculiaridades de cada um daqueles que ainda estão desaparecidos.

Quando na reportagem o jornalista faz menção às pedras preciosas tais como: diamante, esmeralda ou ouro branco, ele perpassa os campos jornalísticos que compõem o lide nas narrativas, fazendo analogia ao que se procura nos garimpos que são as pedras valiosas pela qual o Estado de Minas Gerais é rico naturalmente e em específico em Brumadinho onde essa atividade de extração mineral se aflora.

Logo de capa, o jornalista se apropria da linguagem metafórica e humanizada fazendo menção comparativa com as seis vitmas que ainda estão desaparecidas, numa analogia versada em que a vida tem mais valor do que as pedras do garimpo propriamente dito, que são exploradas em Brumadinho.

Pode se fazer uma evocação aos conceitos utilizados, por exemplo, Em “A arte de tecer o presente” Cremilda Medina (2003) menciona esse potencial estético do jornalismo que amplia esse paradigma da pirâmide invertida. Nessa mesma perspectiva de jornalismo humanizado Ijuim (2004) potencializa essa discussão quando dialoga com essa compreensão. “Se busca a compreensão, conta com observação objetiva, mas para isso recorre a um caráter humano nato, a subjetividade, o fundo intimista capaz de tornar a narração viva – humana, A observação e a expressão dessa compreensão, assim, dispõem dos recursos de todos os órgãos dos sentidos, que envolvem emoções, afetividades, subjetividades” (IJUIM, 2005, p. 40).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo da pirâmide invertida com as respostas clássicas às perguntas do lead tem sua razão de ser, que é trazer a informação de forma rápida e objetiva, pois o jornalismo contemporâneo está passando por muitas mudanças como a diminuição brusca dos impressos, acarretando pouco espaço nos jornais, que por sua vez liberam páginas inteiras para as publicidades que hoje encontra-se garantidas nas mídias digitais e mantém-se com sua função, como também a motivação e necessidade do imediatismo no chamado ciberespaço. Do mesmo modo, a reportagem ampliada atende outras necessidades de cobertura e dos leitores.

No presente artigo, nós propusemos a analisar uma reportagem em que apresenta claramente o modelo jornalístico que discorremos nesse trabalho, pois representa de forma clara e objetiva uma possibilidade de abordagem dos acontecimentos e objetivos do jornalismo aqui mencionado. As pessoas aparecem nela como fontes principais, mais importantes do que dados estatísticos. Importa nessa reportagem colocar falas e pontos de vista dos entrevistados porque a finalidade é tocar o leitor respeitando seus princípios pessoais e particulares.

O jornalista que assina a reportagem faz isso sem ser sensacionalista e sem explorar a dor dessas pessoas. Trazer trechos entre aspas garante a lealdade de fala do depoente, bem como, a sensibilidade do assunto. Recurso que aparece muito na reportagem.

Sabemos que o tema em questão rendeu muitas reportagens em caráter de denúncia, caráter investigativo, de retrospectiva, mas esta foi selecionada porque traz exatamente um outro lado, que é o da narrativa humanizada, e isso faz toda diferença.

Pensar em um modelo de jornalismo onde haja preocupação não apenas com a notícia a ser veiculada, mas oferecer para a sociedade uma grande contribuição fazendo com que a incumbência do relato jornalístico seja diversificada, exemplar e transformador, eleva a responsabilidade do jornalista num panorama tão vasto e ao mesmo tempo desafiador, onde as riquezas das narrativas superam as escaladas imediatistas, onde as experiências vividas ganham mais destaques quando se deixa levar pela boa apuração.

Foi nessa linha teórica de pensamento que através desse artigo fizemos bastante esforço para aguçar no leitor o interesse de mergulhar nesse universo pouco praticado no

mundo do jornalismo e fazer pensar numa narrativa jornalística voltada à pessoa e não apenas à notícia.

É importante ressaltar que conforme as últimas informações pesquisadas em reportagens sobre o fato, encontramos a matéria “Brumadinho: ossada da 265ª vítima é identificada; ainda há 5 desaparecidos” publicada no portal Uol de Notícias em 03/05/2022,³ como também a matéria intitulada “Brumadinho: quatro vítimas da tragédia continuam desaparecidas” postadas no portal Estado de Minas Gerais no dia 08/06/2022,⁴ que atualizaram informações sobre duas pessoas encontradas. Trata-se de Luíz Felipe Alves e Olímpio Gomes Pinto, restando ainda quatro pessoas desaparecidas, que são: Cristiane Antunes Campos, Maria de Lurdes da Costa Bueno, Nathalia de Oliveira Porto Araújo e Tiago Tadeu Mendes da Silva. As últimas atualizações em 11/11/2022 às 12:00hs, feita pelo portal Vale.com/brasil/PT, informa não haver alteração até o presente momento.⁵ É importante trazer essa informação aqui. Lembrando que, a reportagem do Severino Francisco que embasou esse estudo de caso, foi produzida em 25/01/2022 bem antes desses últimos acontecimentos.

³ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/tragedia-em-brumadinho/>. Data de acesso: 11/11/2022.

⁴ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/06/08/interna_gerais,1371949/brumadinho-quatro-vitimas-da-tragedia-continuam-desaparecidas.shtml. Data de acesso: 11/11/2022.

⁵ Disponível em: http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/servicos-para-comunidade/minas-gerais/atualizacoes_brumadinho/Paginas/listas-atualizadas.aspx. Data de acesso: 10/11/2022.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fabiana Aline, SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Jornalismo Humanizado: O Ser Humano Como Ponto de Partida e de Chegada do Fazer Jornalístico**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Guarapuava – 29 a 31 de maio de 2008.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo – buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

FRANCISCO, Severino. **Drama das famílias de desaparecidos em Brumadinho completa 3 anos**. Estado de Minas Gerais. 25/01/2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/01/25/interna_gerais,1339908/drama-das-familias-de-desaparecidos-em-brumadinho-completa-3-anos.shtml. Data de acesso: 01 de novembro de 2022.

HERNANDES, Nilton. Verdade, objetividade, realidade... revendo conceitos. In: **A mídia e seu truques** – o que o jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal e vivências humanas: um roteiro de viagem**. Bauru: Edusc; Campo Grande: UFMS, 2005.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1993a.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2005.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário: a melodia da informação**. São Paulo: Contexto, 2006.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo: **A tribo jornalística** – uma comunidade interpretativa transnacional. v. II. Florianópolis: Insular, 2005.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de uma forma especial aos meus queridos pais **José Adelino de Araújo (in memória)** e **Maria de Lourdes Ferreira Araújo**, todos os irmãos, irmãs, parentes e familiares que acreditaram em mim. Carinhosamente, a minha querida esposa **Maria Aparecida Rodrigues Araújo** e minhas filhas **Thais Milena Rodrigues Araújo** e **Thailane Mikaelle Rodrigues Araújo** por toda paciência, ajuda, apoio, dedicação e carinho durante toda essa trajetória, principalmente nos momentos mais difíceis.

Também de uma forma especial, à Universidade Estadual da Paraíba, por proporcionar a oportunidade de poder chegar a essa conquista. A todos os amigos e amigas que me ajudaram de forma direta ou indiretamente durante todo o tempo.

Agradeço ainda aos professores e professoras que, com muito esforço, contribuíram bastante para que eu pudesse chegar até aqui, sem mencionar nomes para não ser desonesto com alguns. No entanto, todos foram essenciais nessa jornada, e é claro, alguns foram tão fundamentais que sem a ajuda deles e de forma contínua, jamais chegaria onde cheguei, em resumo, minha palavra é gratidão, Deus retribua a todos.